o jogo dos significantes e o sintoma da criança

LENITA PACHECO LEMOS DUARTE

A PARTIR do conceito freudiano de inconsciente aparece uma nova concepção de sujeito, de um sujeito dividido, portador de um desejo do qual ele não sabe. A psicanálise subverte o cogito de Descartes, "penso, logo sou", apontando para "sou onde não penso e penso onde não sou". E é desse lugar descentrado que o inconsciente vai se manifestar, onde o "eu da consciência", cartesiano, não se confunde com o sujeito do desejo. O processo de divisão (spaltung) do sujeito apreendido por Freud vai ser generalizado por Lacan, que afirma que essa é a característica fundamental do sujeito do inconsciente, onde qualquer ideal de harmonia é incompatível com o conceito de sujeito. Lacan também se baseia no conceito freudiano da repetição, que não é pelo prazer, mas que vai acontecer também no inconsciente, ou seja, tem sempre as mesmas cenas ou palavras voltando ao sujeito, determinando a sua vida. Retornam tanto nos pensamentos, nos atos, como nas falas, sinalizando que o inconsciente está amarrado na repetição, articulado numa pulsão de morte.

Segundo Freud, como ressalta Quinet,

> as formações do inconsciente, ou seja, os sonhos, os sintomas, os lapsos, e os esquecimentos são todos da ordem de um chiste, de trocadilhos, porque eles funcionam muito mais na base do significante do que na base do significado. Quando se define um significante por outro, ou seja, dando um significado temos, então, outro significante, e depois outro, e assim sucessivamente. Dessa forma é constituído o inconsciente.[1]

[1] A. Quinet. *A descoberta do inconsciente*; do desejo ao sintoma, p.30.

Para ilustrar esse contexto, apresentarei um caso que chamei de "Cristo robotônico".

Renato mostra-se ora agressivo, ora dependente, chorando por qualquer motivo. Aprende com facilidade, mas repetidamente omite ou troca letras e sílabas na leitura e na escrita, deixando muitas "questões em branco". Renato tem 8 anos, está na 1ª série, tendo repetido a alfabetização. A professora diz que ele "voa" muito e, às vezes, anda apoiado nas paredes ou sai engatinhando pelos corredores como se fosse um bebê. Ela observa que na presença da mãe Renato usa uma

linguagem infantilizada, como: "não bliga comigo, quelo dinhelo, quelo bincar". Em casa, Renato bate a própria cabeça contra a parede ao não conseguir revidar as provocações do irmão. Apresenta enurese noturna e durante o dia faz xixi pelos cantos da casa.

De início, Renato chegou demonstrando muito cansaço. Ao escolher jogar damas, optou pelas peças brancas e quando viu uma coruja branca na estante pediu que a colocasse ao seu lado, dizendo: "Preciso dela para me dar sorte, eu quero vencer! Agora quero massinha... Vou fazer um carro!" Enquanto manuseava o material exclamou desanimado: "Está quase pronto, mas ele não vai andar." Por quê? "Porque as rodas estão quadradas, você me ajuda a consertá-las?" Respondo afirmativamente. Enquanto desenhava, exclamava: "Pode vir quente que eu estou fervendo! Esse menino gosta só de vídeo game, de filme de terror e do boneco assassino... Errei, droga! Estou meio estúpido, odeio estudar!" Enquanto apagava o desenho, dizia: "Por que não entra na nossa casca?" Casca? "Porque ela é recheada, a nossa cabeça é feita de chocolate, estúpida! Sabe, o menino que voava caiu do avião porque estava com a cabeça cheia de pensamentos ruins." Pensamentos de quê? "De luta, de guerra, de morte."

É através do significante coruja branca que se estabelece a transferência com a analista, a quem Renato demanda sorte e ajuda para enfrentar e vencer as suas limitações, suas guerras, que o deixam extenuado. Ela é convocada como parceira para ajudá-lo a decifrar seus enigmas, que apontam questões ainda sem respostas: como fazer andar um "carro com rodas quadradas"? Como ajudar um "menino estúpido, um boneco assassino que caiu do avião por causa de seus pensamentos ruins"?

No início do tratamento, Renato escolhia freqüentemente brincadeiras agressivas com bonecos, emitindo sons estridentes que imitavam tiros e socos. Em várias sessões

arrumava duas cadeiras, de modo que pudesse encaixar-se debaixo delas, permanecendo encolhido, como um feto. Depois se arrastava, procurando uma saída, pedindo à analista que o ajudasse. Num momento posterior, o analisante passou a utilizar mais as palavras, deixando as gesticulações de lado. Ao trazer um dever incompleto, pergunto o motivo das lacunas e ele fala: "Tenho preguiça, não entendo, não sei." A seguir, diz: "Quer que eu leia esta história sobre o circo?" Sim! "A bailarina morre, salta e dança." A bailarina morre e dança? "Não, ela come." Ela come e dança? "Não, me enganei, ela corre e dança." Ele separou as sílabas, agrupando-as de outra

forma, dando origem a novos significantes que não existiam no texto original. Estes lapsos lembram o ato falho do Signorelli, relatado por Freud no artigo *Psicopatologia da vida cotidiana*. Os significantes morre e come vieram no lugar do que foi recalcado. Essas associações de significantes remetem às questões da morte e da sexualidade, assuntos geralmente proibidos.

Ao ser solicitado no dever para inventar uma história exclamou: "Odeio formar texto!" Depois riu, dizendo: "Enganei um bobo na casca do ovo, qué, qué, qué, um bobo, boi doidão, que dá de dado." Daí em diante, continuou a brincar com as palavras, criando novas articulações significantes: "Você está endoidarada, indoidarilabada." Pergunto, o que é isto? "Quer dizer, super, hiper louca, maluca." Ele riu e continuou: "Blaiadade, bluganaibe, quer dizer tauá, tauá, cavaco!" Pontuo: cavaco? "Cavaco é quando é legal, quando é bom. Um, dois, tês, cate, cinque, ses... Esta é a fala do meu primo de 4 anos."

Jogando xadrez, exclamou: "Vou lhe dar xeque marte!" Marte? "Não, mate." Numa sessão, quando jogávamos bingo, falou: "Vou bingrar." Bingrar? "Não, vou bincrar de novo!" Bincrar? Só depois falou bingar. Nestes lapsos aparecem 2 significantes condensados, formando outros significantes — bingo articulado com brigar e com brincar — que vêm como pares de oposição, expressando sua luta interior.

Brincando dizia: "Cacá, cucu... eu tenho a educação da mãe e a inteligência do pai, assim que é bom, quando encaixa bem!" Faz um gesto, encaixando os dedos das duas mãos, e ao colocar um lápis num cano de um revólver, exclama: "É assim que ficam um homem e uma mulher encaixados... Eu descobri isso na revista do meu irmão." Aqui aparece a curiosidade sexual infantil sobre a questão enigmática do desejo dos pais.

Numa entrevista com os genitores, o pai revela que costuma falar: "Renato, você será para sempre o neném da nossa família, porque você é o nosso pequenininho." Mas, ele diz que com o tratamento, o filho tem reagido, dizendo: "Não sou mais não!" A mãe, por sua vez, apresenta uma fala equivocada, marcada por neologismos, quando enuncia: "Você é o meu hominho, meu homão, meu meninão." O que aponta para um desejo ambíguo e incongruente, ao que Renato tenta reagir: "Mãe, ou é um ou é outro!" Ele lhe pergunta: "Sou o seu filho preferido?" E ela responde: "Você é o meu péferido e o seu irmão é meu péfedido." Renato tenta corrigi-la: "Mãe, eu falei preferido!" Lacan definiu o lugar do Outro como o tesouro de significantes, e primordialmente é a mãe que ocupa este lugar para a criança. Renato repete nas suas associações vários significantes e trocadilhos apresentados por sua mãe.

Os pais informaram que surgira um novo problema: Renato começou a apanhar coisas dos colegas, como moedas, carteira e relógio, mantendo-os à vista. Sabia que era errado apanhá-los, mas fazia isso automaticamente. O sentido desse sintoma vai aparecer mais adiante.

Numa sessão, procurando o Rio de Janeiro no mapa, exclamou: "Achei, olha o Cristo rebentô!" Rebentô? "Não, Cristo robotônico!" Pontuo: robotônico? "Não, Redentor." Aparece aí um significante que faz equívoco, onde se observa a criação de um neologismo, de um significante que condensa vários significados. No robotônico, temos a condensação de 2 significantes com significados diferentes e opostos — robô *x* tônico. O significante robô faz homofonia com roubo, apropriar-se de algo, fazendo equívoco com robô, no caso uma pessoa semelhante ao homem que executa ordens sem pensar. Por outro lado, temos o significante tônico, relativo ao que dá energia, revigorante. Se tomarmos o significante robotônico isoladamente, ele não significa nada. Ele vai adquirir algum sentido no lugar em que ocupa na frase, no contexto, e é no só depois, que é o tempo do inconsciente, que o significante encontra um significado. O significante robotônico ilustra o que podemos chamar de significante primordial do sujeito (S1), os significantes mestres, sem sentido, que comandam e aprisionam o destino do sujeito. Assim, Renato cria em análise o significante robotônico, um significante ambíguo, que condensa uma lógica, que pode ser articulado como: Renato robô, Renato rouba. Ele rouba o quê? Energia, o tônico da vida. O que é que ele precisa tirar dos outros? Objetos – dinheiro – força – potência – o falo.

Na relação transferencial dá-se o inconsciente, e é através da associação livre que Renato vai decifrando o seu enigma, dando um sentido para o significante robotônico, que equivale a um "nó de significações". Lacan diz[2] que a interpretação deve jogar com o equívoco porque o equívoco é a maneira de liberar o sintoma.

[2] J. Gerbase. Entrevista com Jairo Gerbase. In: Revista *Carrossel*. ano I, n·0, p.10-11.

Continuando a associar, Renato constrói uma estória no castelo: "Tenho armadura, venha lutar comigo, eu não morro, continuo vivo, socorro! Eu tenho o poder da batalha infernal. Eu estou todo trocado, eu estou virando robô... Lenita, você tem uma pilha?" Pilha, pra quê? "Pra fingir que eu era de verdade, preciso de energia... Estou estourando a bunda e o pinto do hominho, homão. Lenita, preciso de pilha para me

recarregar." Continuando: "Eu tenho uma espada metralhadora, ficamos amigos e vamos encontrar o inimigo. Atacar!" Quem é o inimigo? "É o irmão dele. Esta é a luta entre a vida e a morte... É a luta entre o bem e o mal... Entre a sabedoria e a burrice... A sabedoria brilha e ofusca a burrice." Nestas articulações significantes observa-se que os significantes vêm como pares de oposição, onde o significante faz apelo ao seu contrário. Neste processo de decifração do inconsciente observa-se a tentativa de transformar a energia libidinal em significantes, ou seja, de tentar simbolizar ao máximo o real, embora sempre sobre um resto.

Noutra sessão, Renato aparece feliz, carregando um embrulho enorme. Pede para eu fechar os olhos e, ao abri-los, ele me mostrou uma espada militar oficial, contrastando com um espadim que ele havia levado semanas antes para a sessão, quando exclamou: "Agora eu tenho a espada que queria." Pouco tempo depois, Renato comparece de terno, sapato social, cabelo engomado, com uma pasta 007 do pai, que continha notas falsas de dinheiro, um revólver de brinquedo, material de escritório, telefone celular e uma gravata, convocando a analista para ajudá-lo a contabilizar os seus ganhos. Desse modo, identificado ao pai, mostrava que havia se transformado num "homão".

A mãe diz que atualmente Renato quer saber e questionar tudo, falando para ela: "É muito importante conhecer bem as palavras, para aumentar o vocabulário e poder se expressar melhor." Seu rendimento melhorou, parou de tirar as coisas dos colegas, o que aponta para mudanças subjetivas.

O que terá acontecido no processo analítico para que tenha havido tal transformação? Inicialmente, ele se encontrava aprisionado nos significantes neném da família, pequenininho, hominho, inscrito no desejo dos pais, como pode ser observado na sua fala tatibitate e na sua expressão corporal. Suas brincadeiras e associações livres, repletas de lapsos e chistes, evidenciavam o retorno do recalcado, quando aparecia uma linguagem equivocada, às vezes ininteligível, que apontava para um sentido, ou seja, atender ao desejo dos seus genitores, onde se encontrava alienado. Assim, Renato se inscrevia como sujeito, tomando para si a interpretação do desejo do Outro paterno e materno, como sujeito submetido aos significantes que vêm do campo do Outro, onde o sintoma aparece como significado do Outro, s (A).[3] Num momento posterior, de separação, Renato procurava se interrogar sobre a questão do desejo do Outro, — que queres? (che vuoi?) O que o Outro quer de mim? Como dizia Renato: "Mãe, afinal, sou seu hominho ou seu homão?

[3] A. Quinet. *As 4+1 condições de análise*, p.20-22.

Neném ou meninão? Péferido? Não, mãe! Preferido!" Cabe aqui uma citação de Lacan: "O desejo do homem é o desejo do Outro."[4]

Durante o processo analítico, através da sua fala metaforizada e metonímica, observada nas dramatizações e na construção de suas histórias, do seu mito individual, aparece o deslocamento da sua posição de interpretado para intérprete, quando procura desvendar um saber sobre "as questões relativas ao sexo, ao mistério da união dos seus pais, à procriação, à vida e à morte".[5]

O valor fálico da "espada militar e da pasta 007" do pai mostram a passagem operada por Renato, de ser o falo da mãe para ter o falo. Quando estava na posição de ser o falo ele não questionava, respondendo da posição de não querer saber, onde apareciam as questões em branco. As representações de rivalidade, luta e morte que se repetem nos seus ditos através dos significantes terror, boneco assassino, bingrar, mate, morre, morte, robô, rebentô, tônico, quente, fervendo, fúria, até chegar à afirmativa: "Esta é a luta entre a vida e a morte", sinalizam a formulação de sua questão neurótica obsessiva: estou morto ou vivo? Trata-se de uma "batalha infernal", como ele diz, o que o deixa muito cansado, sem energia, levando-o a pedir "pilha e água" à analista. Precisa da ajuda da "coruja branca" para manter-se vivo e vencer o inimigo mortífero. Renato parece estar construindo sua fantasia fundamental: "Uma criança é robotizada", cuja emergência se deu a partir da interpretação centrada na equivocidade do significante robotônico.

Na Conferência de Genebra, em 1975, surge um enunciado diferente do axioma de 1953, do "inconsciente estruturado como uma linguagem", quando Lacan vai definir o inconsciente como: "O gozar de um saber" e como "a maneira pela qual o sujeito se impregnou pela linguagem".[6] Ele inclui aí algo da ordem do gozo, introduzindo, neste momento, o conceito de *lalangue,* "alíngua", que é o termo que ele encontrou mais próximo da lalação, que se relaciona com o tatibitate da criança antes dela articular a linguagem, que no caso apresentado corresponde àqueles significantes gugu, dadá, quequé, cacá, cucu, cavaco, tauá, tes, ses, de, da, dado, blaiadade, robotônico, falados e interpretados por Renato.

Lacan inventa o conceito de alíngua para falar do efeito da linguagem no sujeito, extraído o seu efeito de sentido, dizendo: "Conforme a maneira como a linguagem foi falada e também ouvida por tal ou qual sujeito em sua particularidade, que algo em seguida sairá em seus sonhos, em todo tipo de tropeço, em todo tipo de dizer."[7]

[4] Jacques Lacan. A subversão do sujeito e a dialética do desejo. In: *Escritos*, p.829.

[5] A. Quinet. *As 4+1 condições de análise*, p.23.

[6] A. Quinet. *A varidade do sintoma.* Seminário Inédito. Rio de Janeiro, 1998.

[7] Jacques Lacan. Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. In: *Intervenciones y textos 2.*

referências bibliográficas

FREUD, S. A interpretação de sonhos, parte II (1900-01). In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. V.

FREUD, S. A psicopatologia da vida cotidiana. (1901). In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. VI.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905) In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. VII.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. (1905). In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. VIII.

FREUD, S. Artigos sobre metapsicologia. (1915). In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XIV.

FREUD, S. Inibições, sintomas e angústia. (1916[1925]). In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XX.

FREUD, S. A divisão do ego no processo de defesa (1940 [1938]) In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano.

LACAN, J. Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. In*: Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1975.

LACAN, J. O *Seminário. Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. *O Seminário. Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MILLER, J. (org.). *A criança no discurso analítico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

QUINET, A. *As 4 + 1 Condições de Análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

QUINET, A. *A varidade do sintoma*. Conferências. (Seminário Inédito, Rio de Janeiro, 1998)

QUINET, A. *A descoberta do inconsciente;* do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

REVISTA CARROSSEL. Salvador: Centro de Estudos e Pesquisas de Psicanálise e Criança. EBP – BA, ano I, n·0, abr. 1997.